Introdução: Uma multidão que muda de opinião

No silêncio contemplativo da Semana Santa, a liturgia nos apresenta um contraste dilacerante: o mesmo povo que um dia aclamou Jesus como Messias com ramos e hosanas, poucos dias depois grita furiosamente: “Crucifica-O!” (Mt 21,9; 27,22). Esta mudança dramática não é apenas um relato histórico – é um espelho de nossa própria fragilidade espiritual.

Como é possível que aqueles que O receberam como rei O rejeitem como redentor? O que esta reviravolta nos diz sobre a natureza humana, sobre nossas próprias incoerências? E mais importante: **como podemos hoje evitar cair na mesma inconstância?**

I. O “Hosana”: A aclamação ao Rei humilde

1. O significado do Hosana

A palavra “Hosana” vem do hebraico “Hoshia na” (“Salva-nos, por favor!”), um clamor de súplica e aliança que o povo de Israel dirigia a Deus em momentos de expectativa messiânica (Sl 118,25). Quando Jesus entra em Jerusalém montado num jumentinho (Zc 9,9), a multidão O reconhece como o cumprimento das profecias: o Rei prometido, o Filho de Davi.

Mas há um detalhe crucial: **Jesus não entra como conquistador militar, mas como rei da paz**. Seu reino não é de poder terreno, mas de doação e sacrifício.

2. O equívoco da multidão

O problema não estava na aclamação, mas **na expectativa errada**. Muitos esperavam um libertador político que os salvasse de Roma, não um Salvador que pedia para carregar a cruz (Lc 9,23). Quando entenderam que Jesus não viera dar glória terrena mas chamar à conversão, **o entusiasmo se transformou em decepção**.

II. Do “Hosana” ao “Crucifica-O”: O que aconteceu naqueles dias?

1. A fragilidade da fé superficial

Uma fé baseada apenas em emoções ou benefícios temporários é frágil. A multidão aclamou Jesus quando pensou que Ele daria vitórias imediatas, mas **abandonou essa fé quando Ele**

pediu renúncia e amor aos inimigos.

Hoje muitos cristãos vivem uma fé similar: buscam a Deus na prosperidade mas O abandonam na provação. Gritamos “Hosana” quando tudo vai bem, mas **nosso coração se transforma num “crucifica-O” quando Sua vontade não coincide com a nossa?**

2. A influência da multidão e o medo

São João nos diz que muitos judeus “não confessavam sua fé por medo dos fariseus” (Jo 12,42). No julgamento de Jesus, a voz da multidão manipulada levou muitos à condenação. **O medo da opinião alheia, de desagradar, de ser rejeitados os levou a trair a própria consciência**.

Hoje o mundo ainda grita “crucifica-O” de muitas formas:

- Quando ridiculariza a moral cristã
- Quando exige silenciar a verdade em nome da “tolerância”
- Quando o relativismo nos tenta a negar Cristo para não sermos marginalizados

3. A tragédia de Barrabás: Escolher o mundo em vez de Cristo

Pilatos lhes deu a escolha: “Qual quereis que eu vos solte: Barrabás ou Jesus?” (Mt 27,21). O povo preferiu o criminoso. **É o drama de quem escolhe o pecado, a violência ou o prazer em vez da graça**.

Ainda hoje escolhemos “Barrabás” quando:

- Preferimos o egoísmo à caridade
- Justificamos o pecado porque “todo mundo faz”
- Trocamos Deus por ídolos modernos: sucesso, poder, prazer

III. Lições para o cristão de hoje

1. Examinar nossa fé: É autêntica ou interesseira?

- Amamos a Cristo por quem Ele é ou pelo que nos dá?
- Perseveramos na fé quando a vida fica difícil?

2. Não seguir a multidão mas a consciência

A voz de Deus nem sempre é a mais popular. **O verdadeiro discípulo segue a Cristo mesmo contra a corrente**.

3. A cruz como caminho para a glória

Jesus não evitou o sofrimento porque sabia que **o amor verdadeiro exige sacrifício**. Nossa fé não é fuga da cruz mas força para abraçá-la.

4. Misericórdia para os inconstantes

Pedro negou Cristo, mas depois chorou e se converteu. **Deus perdoa nossa inconstância se nos arrependermos**.

Conclusão: O que você vai gritar?

A Semana Santa nos confronta: **somos dos que gritam “Hosana” só quando convém ou dos que permanecem fiéis até a cruz?**

Ainda hoje o mundo pede que “crucifiquemos” a Cristo: com o silêncio, a indiferença, o pecado. Mas **a liturgia nos chama à coerência, a amar Jesus não só no triunfo mas no sacrifício**.

Que nossa vida não seja um “Hosana” vazio mas eterno – **o daqueles que O seguem até o Calvário, sabendo que depois da cruz vem a ressurreição**.

“Senhor, não permitais que minha fé seja inconstante. Fazei que Vos reconheça como Rei não só na alegria mas também na provação. Amém.”

Gostou deste artigo? Compartilhe e aprofunde a beleza da fé católica. Visite nosso blog para mais reflexões teológicas e espirituais.